

**ORIGENS E BRINCADEIRAS: AMOSTRAS DE UMA ANÁLISE  
TOPODINÂMICA DOS FALARES NO ESTADO DO TOCANTINS SOBRE AS  
VARIANTES “BOLINHA DE GUDE” E “AMARELINHA”**

**ORIGINS AND JOKES: A TOPDYNAMIC ANALYSIS OF THE TALKS IN  
THE STATE OF TOCANTINS ABOUT THE VARIANTS “BOLINHA DE  
GUDE” AND “AMARELINHA”**

Michele Lima Nascimento<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

Dimas Henrique Pereira de Oliveira Silva<sup>2</sup>

Universidade Federal do Tocantins

Greize Alves da Silva<sup>3</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo analisar nuances dos falares presentes no estado do Tocantins, mais especificamente no campo semântico das brincadeiras populares. E como esse campo promove a rememoração, intercalamos, também, na presente pesquisa algumas reflexões sobre a formação do estado do Tocantins (tido, oficialmente, como o mais novo do Brasil). Tais reflexões tiveram como fio condutor a seguinte pergunta: quais as influências dos fluxos migratórios na composição dos falares encontrados no Tocantins? Para alcançar tal fito, utilizamos uma pesquisa orientada pela Dialetoлогия Pluridimensional e um *corpus* com perfil topodinâmico. As coletas de dados foram realizadas *in loco*, por meio de entrevistas semiestruturadas. Os resultados vistos, por meio das perguntas: *Qual é o nome daquela brincadeira que se brinca com bolinhas de vidro?* e *Qual é o nome daquela brincadeira que se faz um desenho no chão e depois pula nos espaços desenhados?* foram os seguintes: apesar de o Tocantins, em seus primórdios, ter pertencido à região Centro-Oeste, Goiás, os falares encontrados na pesquisa se aproximam das variedades presentes no Norte e no Nordeste. Tais constatações vão ao encontro das reflexões propostas na pesquisa de Silva (2018).

**Palavras-chave:** Dialetoлогия pluridimensional; Brincadeiras Infantis; Falares Tocantinenses.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Porto Nacional. Participou do Programa de Apoio ao Discente Ingressante (PADI) e do Programa de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: mic.limma@gmail.com.

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, Universidade Federal do Tocantins. É bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-CNPQ). Participa do grupo de pesquisa Práticas de Linguagens – PLES. E-mail: dimaspereira16@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Docente do curso de Letras, na Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional. E-mail: greize\_silva@yahoo.com.br.

**Abstract:** This work aims to analyze nuances of the talks present in the state of Tocantins, more specifically in the semantic field of popular games. And since this field promotes re-emuration, we also intersperse in this research some reflections on the formation of the state of Tocantins (officially regarded as the newest state in Brazil). Such reflections had as its guiding thread the following question: what are the influences of migratory flows on the composition of the talks found in Tocantins? To achieve this goal, we used research guided by Pluridimensional Dialectology and a corpus with topodynamic profile. Data were collected on the spot through semi-structured interviews. The results seen, through the questions: *What's the name of that game you play with glass balls? And What is the name of that joke that makes a drawing on the floor and then jumps in the spaces drawn?*, were as follows: as much as Tocantins emancipated itself from a state in the Midwest region, Goiás, the talks found in the research are much closer to the talks of the North and Northeast regions. These findings are in line with the reflections proposed in Silva's research (2018).

**Key-words:** Multi-Dimensional Dialectology; Children's play; Tocantins speaking;

**Submetido em 21 de junho de 2020.**

**Aprovado em 03 de setembro de 2020.**

## **Introdução**

Considerado o estado mais novo do Brasil, o Tocantins constitui sua identidade a partir da migração e da confluência de vários grupos étnicos, advindos de diversas partes do Brasil. Nesse sentido, a identidade do tocaninense (gentílico para quem mora no Tocantins) é marcada por processos de aglomeração, fragmentação, culminando em diversidade cultural.

Em termos históricos (PALACIN; MORAES, 1989; AQUINO, 1996; CAVALCANTE, 2003) e dialetais (SILVA, 2018), o que hoje se conhece por Tocantins, até a sanção da última Constituição fazia parte do estado de Goiás. Nesse sentido, pode-se acreditar que, minimamente, o que hoje se tornou o Tocantins deveria possuir aproximações culturais e, conseqüentemente linguísticas, com o estado que havia o precedido. Contudo, ao se estudar a formação social e histórica do território verifica-se que há mais diferenças do que propriamente semelhantes com a região progenitora, Goiás.

O que a história nos conta é uma narrativa de conflitos dentro e fora da esfera política, em torno da sonhada emancipação do povo do norte de Goiás em relação ao povo do Sul. E, por quase um século, os habitantes da região nortista goiana travaram diversas batalhas.

Desde os primórdios da povoação do espaço norte de Goiás, em meados do século XVI, um número significativo de pessoas, oriundas da região Nordeste, principalmente, participaram do movimento de ocupação da região. Há, portanto, uma crescente aproximação nos aspectos socioculturais entre o que hoje se tornou Tocantins e a região Nordeste, o que consecutivamente vem a influenciar nos falares tidos como tocaninenses.

Neste trabalho, objetivamos remontar algumas origens entre os falares tocaninenses e os falares advindos da região supracitada, contrastando-os por meio do *corpus* coletado. Nossas análises se embasam nos estudos dialetológicos, materializados por meio de uma pesquisa qualitativa e quantitativa. Nosso instrumento de pesquisas foi questionário semiestruturado, além dos recursos de gravação e transcrição. Os pontos de coletas foram duas cidades: a capital Palmas e a centenária Porto Nacional.

Justificam-se como pontos de coletas as duas cidades por serem zonas estratégicas de imigração em momentos importantes da história do estado do Tocantins. Porto Nacional, por exemplo, remete-nos ao rápido ciclo do ouro vivido no norte goiano, em específico na cidade de Natividade e regiões circunvizinhas. Porto Nacional servia, portanto, de ponto de escoamento do ouro para Belém-PA e, consecutivamente, o continente europeu e/ou à nação portuguesa. Pontuamos, também, a escolha de Porto Nacional de acordo com Ferreira e Cardoso (1984) quando dizem que a antiguidade do local deve ser levada em conta para a escolha de pontos de coleta<sup>4</sup>.

A seleção de Palmas justifica-se pelo grande fluxo migratório nos últimos 30 anos, ocorrido em virtude da criação do Tocantins e, conseqüentemente, a necessidade de estruturação dos seus órgãos de funcionamento em uma capital. Nesse sentido, concordamos com Silva e Aguilera (2017) quando, ao trazerem Cardoso (2010, p. 91) ratificam a importância dos grandes centros nos pontos de coleta.

Temos, portanto, um texto organizado em duas seções além desta. A próxima denominada “Tocantins, Centro-oeste, Norte ou Nordeste?”, que se encarrega de trazer ao leitor um panorama histórico a respeito da criação e momentos de emancipação no estado do Tocantins, a segunda denominada “Análises, Perfil dos Informantes e Discussões”, que se incumbe das análises e das discussões do *corpus* levantado. Por fim, temos as considerações finais.

---

<sup>4</sup> O surgimento do povoado que deu origem a cidade remonta ao ano de 1738, segundo do IBGE.

## 1. Tocantins, Centro-Oeste, Norte ou Nordeste?

O título desta seção se baseia em algumas discussões que vem tomando corpo ao longo dos anos, discussões que dizem respeito às distinções sociais, econômicas e culturais que o antigo norte do Goiás tinha em relação ao seu sul, como bem pontuam autores como Gomes e Teixeira Neto (1993), Cavalcante (2003) e Silva (2019).

Silva (2018, p. 19) assevera que o norte do Goiás, hoje Tocantins, muito embora viesse a pertencer à região Centro-Oeste até o fim da década de 1980, nutria-se de um sentimento de pertencimento e identificação sociocultural para com as regiões Norte e Nordeste, sentimento esse fomentado ao longo das décadas.

De acordo com Palacin e Moraes (1989, p. 8), o espaço goiano foi descoberto pelos bandeirantes. Historicamente, registram-se duas empreitadas procedentes desses grupos. A primeira “contava com uns 800 membros e se fixou na região da confluência do Tocantins e o Araguaia” (PALACIN; MORAES, 1986, p. 8). Naquela época, o norte goiano era povoado por, basicamente, povos originários.

Surgidas as necessidades de mão de obra no litoral brasileiro, os Bandeirantes irrompem as “fronteiras” criadas pelas florestas e chegam em uma região em que habitavam cerca de 20 grupos étnicos indígenas (SILVA, 2018, p. 19). O objetivo dos Bandeirantes era fazer com que os indígenas virassem escravos.

Silva (2018, p. 19) diz ainda que, tempos depois, no século XVII, acham-se registros de atuação “de um segundo grupo de bandeiras: os que buscavam metais preciosos, principalmente o ouro, e desses foi decorrente o início da colonização” (SILVA 2018, p. 19) do espaço norte de Goiás. Muito embora os Bandeirantes não fixassem raízes nos locais em que passavam, suas expedições espalharam as notícias de que no norte de Goiás havia ouro e riquezas a serem exploradas. Foi, então, a partir desses contatos que surgiram as primeiras correntes migratórias, influenciadas pela busca de metais preciosos.

Os contatos realizados pelas correntes mineradoras do Brasil Colônia tiveram maior força nas cidades à leste do rio Tocantins, tais como Porto Nacional, Natividade e Paranã. Era uma sociedade mestiça, formada por diferentes grupos étnicos, como pontua Silva (2018, p. 20): “Ao longo de 50 anos de exploração de minas auríferas, vários foram os tipos de contatos interculturais, dos quais podemos destacar, inicialmente, os

bandeirantes, os missionários, os portugueses e, posteriormente, grande contingente escravo”.

As minas auríferas no Tocantins abrigaram ouro de aluvião<sup>5</sup>, cujas reservas esgotam-se rapidamente. Dessa forma, a busca por novas minas fazia com que sua população migrasse para outros pontos do território, mobilidade que perdurou ao longo dos séculos posteriores.

Esses fluxos, portanto, foram os responsáveis por povoar parte da região aurífera, bem como seus pontos estratégicos, como é o caso de Porto Nacional, local de escoamento dos minérios extraídos na região para o Pará, principalmente. Entretanto, como citado, o ciclo do ouro durou pouco, o que fez com que os mineradores fossem a procura de riquezas em outras regiões, gerando o empobrecimento e esvaziamento das localidades em questão.

De acordo com Vieira (2014, p. 66),

[...] as dificuldades econômicas enfrentadas pelos nortenses e a pouca atenção que recebiam da capital da província, devido à distância e a baixa representatividade política, geraram um gradativo ressentimento em relação à repartição sul e levaram os nortenses, em setembro de 1821, a requererem a sua autonomia administrativa.

O descontentamento por parte dos nortenses vinha principalmente do fato de as riquezas exploradas na região não serem usufruídas pelos moradores do norte de Goiás, o que gerou o primeiro movimento separatista no estado de Goiás, como aponta Vieira (2014).

O ouvidor Joaquim Teotônio Segurado (1775-1831), no ano de 1821, encabeçou uns dos primeiros momentos que visavam a separação do território norte, criando na cidade de Cavalcante uma comarca de administração independente em relação ao restante do estado goiano. Entretanto essa investida veio a falhar, quando em 1823, Dom Pedro I declarou a ilegitimidade da Comarca (ALENCASTRE, 1979).

Passaram-se as décadas e, como elenca Aquino (1996, p. 24), “[...] em todos os sentidos a vida no Norte do estado se manteve absolutamente distantes das dinâmicas industrialistas e modernizadoras em curso, especialmente já a partir do final do século XVIII, com o advento da Revolução Industrial, na Inglaterra”. Esse isolamento do

---

<sup>5</sup>Tipo de ouro encontrado nos leitos dos rios, misturado com areia, argila, cascalho etc. provenientes de erosão e que são transportados e depositados por correntes de água (HOUAISS, 2009).

espaço norte de Goiás perdurou durante o século XX. Situação essa que começou a se modificar apenas por ocasião da construção da Rodovia Belém-Brasília (ou BR-153).

Segundo Silva (2018), as obras da BR-153 geraram uma espécie de “nomadismo” entre os habitantes, tanto do norte de Goiás, como dos estados circunvizinhos. Como pontua Aquino (1996), foi a partir da implantação da BR-153 que o norte de Goiás traçou conexões mais sólidas e rápidas com o processo de industrialização que o Brasil vinha passando na década de 1950.

Cabe destacar que ao longo da construção da rodovia várias famílias do norte goiano mudaram seus locais de residência, fixando-se em regiões margeadas pela rodovia. Normalmente essa população era procedente das localidades mais antigas e tradicionais, situadas na margem direita do rio Tocantins, antigas zonas mineradoras.

Um último marco histórico que gerou outro fluxo migratório foi a oficialização da criação do estado do Tocantins, por ocasião da Constituição de 1988, o que desencadeou uma série de oportunidades com a criação de vários órgãos e empregos de natureza pública. Tal acontecimento fez com que o estado fosse povoado de um extremo ao outro, interligando cidades e conectando falares.

Mas a essa altura o leitor deve estar se perguntando sobre as implicações de tais acontecimentos históricos nos falares presentes no Tocantins. Nesse sentido, trazemos para esta discussão a obra de Antenor Nascentes (1958). Tal obra é considerada como uma das mais importantes para a Dialectologia brasileira, uma vez que ela divide o país em regiões dialetais, intituladas por falares: Amazônico, Nordestino, Território incharacterístico, Baiano, Mineiro, Fluminense e Sulista, sendo o atual Tocantins perpassado por três desses falares: o Baiano, o Nordestino e o Amazônico, além de fazer parte do espaço incharacterístico descrito pelo autor.

Ou seja, na década de 1950 Nascentes já vislumbrava o espaço tocantinense como distinto de seu espaço progenitor Goiás, fato também atestado por Palacín e Moraes (2008) quanto cita que o norte goiano tinha sua identidade vinculada aos grupos nortistas e nordestinos, enquanto os habitantes do sul goiano mantinham relações com o Sudeste, Minas e São Paulo principalmente.

É, então, nesse sentimento de não pertencimento que partiremos, pois, às análises que este texto se propõe a realizar.

## 2. Análises, perfil dos informantes e discussões

Como anunciado na seção anterior, esta parte do texto apresenta as discussões e análises propostas para este trabalho. Iniciamos, portanto, justificando algumas questões pertinentes à pesquisa. Primeiramente, gostaríamos de informar que a temática escolhida para a elaboração do questionário foi vinculada ao universo das brincadeiras infantis, em virtude de tal temática fazer com que os informantes realizassem digressões às suas origens.

O perfil dos participantes é topodinâmico, ou seja, não têm raízes ancestrais na cidade onde foi realizada a coleta de dados, ou como definiu Thun (1998, p.706) são os grupos tidos como “demograficamente móveis”, que nasceram em outras localidades, mas vieram para as localidades selecionados há mais de 5 anos, os informantes desta pesquisa foram quatro pessoas: dois homens e duas mulheres.

Para a definição da idade dos sujeitos envolvidos na pesquisa, estipulamos duas faixas etárias: a primeira de 35 anos a 49 e a segunda acima de 50 anos. Tal escolha etária foi baseada no fato de considerarmos que as pessoas nas faixas supracitadas tenham maiores possibilidades de terem entrado em contato com as brincadeiras populares quando crianças, pois, nos últimos anos, em virtude das novas configurações e transformações sociais, as interações sociais têm ocorrido com bem menos frequência entre os jovens, conforme nos indica Silva (2018, p. 180).

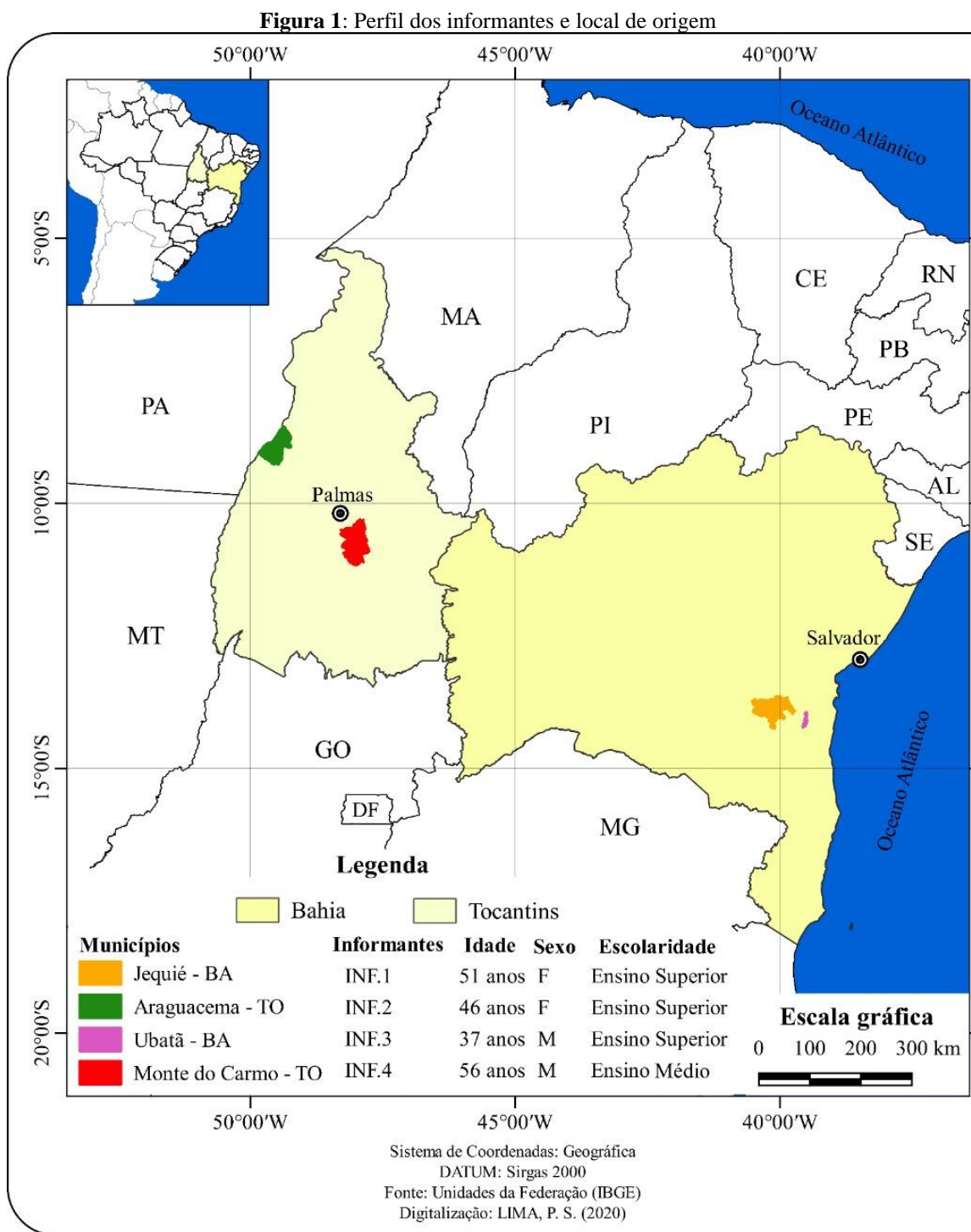
Sobre o perfil dos informantes, todos moram no Tocantins, um em Porto Nacional e três em Palmas. Desses informantes temos dois procedentes de migrações interestaduais e dois informantes vindos de deslocamentos internos. Escolhemos esse público, em virtude de acreditarmos que o perfil do morador no Tocantins é esse: marcado por miscigenações e migrações. No quadro abaixo encontra-se tais informações para uma melhor visualização:

**Quadro 1:** Perfil dos informantes

	<b>Cidade Natal</b>	<b>Cidade de residência atual</b>	<b>Idade e Sexo</b>
<b>Inf. 1</b>	Jequié - BA	Palmas - TO	51 anos
<b>Inf. 2</b>	Araguacema - TO	Palmas - TO	46 anos
<b>Inf. 3</b>	Ubatã - BA	Palmas - TO	37 anos
<b>Inf. 4</b>	Monte do Carmo - TO	Porto Nacional - TO	56 anos

**Fonte:** Elaboração dos autores

Os informantes 1 e 3 são procedentes de cidades interioranas do estado da Bahia, como evidenciado no cartograma a seguir.



<sup>6</sup> Carta cartográfica contratada especificamente para o presente artigo, elaborada por Péricles Souza Lima, 2020.



Após a apresentação do perfil dos informantes, passaremos para as variantes coletadas a partir da indagação *Qual é o nome daquela brincadeira que se brinca com bolinhas de vidro?* Obtivemos duas variantes, como se verifica no quadro a seguir.

**Quadro 2:** Variantes obtidas por meio da indagação: *Qual é o nome daquela brincadeira que se brinca com bolinhas de vidro?*

Variante	Nº de ocorrências	Porcentagem
<b>Bolinha de gude</b>	2	50%
<b>Peteca</b>	1	25%
<b>Não soube responder</b>	1	25%

**Fonte:** Elaboração dos autores

A variante que teve maior número de ocorrência foi *bolinha de gude* que, de acordo com o dicionário Houaiss (2009, p. 306) diz respeito à “pequena esfera vítrea [...] usada [...] no jogo de gude”. Encontramos, também, a variedade em questão no dicionário Caldas Aulete (2004, p. 413), bem como no dicionário Soares Amora (1998, p. 343), o que nos dá um indício de que a resposta *bolinha de gude* pode ser indicativo de expressão utilizada de forma geral no português brasileiro.

No que se refere à segunda variedade encontrada *peteca*, há no dicionário Houaiss (2009, p. 309), uma possível raiz histórica para a nomeação das bolas de vidro como *peteca*. De acordo com o autor, tal nomeação se dá, pois, há alguns anos, na região Nordeste, era costumeiro fazer um brinquedo esférico com palhas de milho e chamar de “bola”; com o passar dos anos, tal bola passou a ser chamada de *peteca*. E da mesma forma como o nome bola se assimilou ao termo *peteca*, o contrário, também, aconteceu. O que, possivelmente, fez com que *bola de gude* fosse chamada de *peteca*<sup>7</sup>.

De acordo com Silva e dos Anjos (2018), a variante *peteca* é uma forma que está presente em todas as capitais do Norte do Brasil, exceto em Manaus, e nas capitais do Nordeste, São Luís e Teresina.

No trabalho de Ribeiro (2012), que teve como objetivo estudar a vitalidade da área definida por Nascentes (1958) como “falar baiano”, *peteca* se faz presente na área investigada, entretanto, Ribeiro (2012, p. 160 [carta00]) nos mostra que a ocorrência da

<sup>7</sup> Segundo Navarro (1998), etimologicamente, a brincadeira *peteca* é herança indígena brasileira e procede do verbo “petek: bater, golpear, bater com a mão espalmada”. O brinquedo indígena descrito consiste em uma base, comumente feita de borracha, que comporta penas de animais; assim, a brincadeira incide em golpear com a mão na base da *peteca* para orientar sua trajetória quando lançada.

lexia é mais comum nos estado do Piauí e do Maranhão, levando-nos a inferir que a presença de tal variedade no estado do Tocantins pode ser originada da região Nordeste.

Um dado que nos pareceu interessante, ainda sobre as respostas da primeira pergunta, foi a ocorrência de outros termos para nomear o objeto que havíamos perguntado, a partir das seguintes indagações: “*Qual o nome que se dá para a bolinha? Quais eram os tipos das brincadeiras com bolinhas de vidro? Quantas possibilidades de brincar com bolinhas de vidro você conhece?*”. Traremos, portanto trechos das entrevistas para mostrar as diferentes ocorrências:

**Trecho 1**

**INQ.:** Qual é o nome daquela brincadeira, que se brinca com bolinha de vidro?

**INF.1:** *Bolinha de Gude?*

**INQ.:** Éh... Qual é o nome que você dá pra essa bolinha? Bolinha de gude, né?

**INF.1:** **Gude.**

**Trecho 2**

**INQ.:** E quais eram aa... os tipos de brincadeiras com essas bolinhas? Quantas possibilidades você lembra?

**INF.1:** Ah... Tinha a brincadeira do... bura, né. De acertar o bura, de fazer o bura. O bura é o buraco, né?! Já resumir assim. Eram três buracos, que você fazia aquela caminhada. Ia até lá e vinha... acertando a *bolinha de gude*. Você ou quantos parceiros fossem... ti, ti, tivessem... Uma era uma possibilidade... e a outra era você acertar o mais distante possível... você acertar uma... com uma **gude** na outra do adversário pra poder... era como se fosse uma competição também, acertar à distância. Tiro ao alvo? Mira ao alvo? Mas era *bolinha de gude*, não tinha outro nome. (Jequié, BA, residente em Palmas, TO)

Realizamos dois destaques para a forma como a informante nomeou o objeto em questão e nota-se duas formas de nomear as bolinhas de vidro, sendo a primeira a variante de mais prestígio e dicionarizada – *bolinha de gude* - e a segunda uma espécie de simplificação no processo da fala - *gude*, uma vez, que ao invés do informante falar o substantivo composto, usa apenas o segundo nome.

Dando continuidade às discussões subjacentes às primeiras inquirições, em uma outra entrevista, com outro informante, nascido na cidade de Araguacema - TO, mas residente em Palmas, achamos, baseado nas perguntas antes apresentadas de maneira secundária, uma forma diferente de nomear o objeto em questão.

**Trecho 3**

**INQ.:** Conhece não, né? Tá bom. É... Quais eram os tipos de brincadeira que você poderia fazer com essas bolinhas de vidro? Você conhece alguma diferença? Variação?

**INF.2:** Não, a gente brincava assim...é... colocava elas ali... e... jogava uma, quem tirasse mais **pedrinhas** ‘tava ganhando o jogo. Né, era assim que a gente brincava.

Notamos, portanto, que o termo *pedrinhas* se apresenta com uma forma alternativa de nomear as *bolinhas de gude*, podendo estar associada ao fato de na infância o informante usar pedrinhas para brincar, na ausência das bolinhas.

Após discutir os dados advindos da primeira indagação, seguiremos para as discussões da seguinte pergunta: “Qual é o nome daquela brincadeira que se faz um desenho no chão e depois pula nos espaços desenhados?”. A seguir, encontram-se dados acerca das ocorrências e os termos coletados nesta pergunta.

**Quadro 3:** Variantes obtidas por meio da indagação: *Qual é o nome daquela brincadeira que se faz um desenho no chão e depois pula nos espaços desenhados?*”.

Variante	Nº de ocorrências	Porcentagem
<b>Amarelinha</b>	1	25%
<b>Pular Macaco/</b>	2	50%
<b>Pula-pula</b>	1	25%

**Fonte:** Elaboração dos autores

A primeira variante, *amarelinha*, e de acordo com Silva (2016), está presente em todas as capitais do Brasil. Acreditamos que isso ocorra devido a tal variante ser a dicionarizada e escolarizada para a brincadeira em questão. Cardoso, 2014 pontua que “[...] dada sua realização em todas regiões brasileiras, instaura-se como forma padrão do português brasileiro”. (CARDOSO *et al.*, 2014, p. 315 [carta L23]).

No entanto, um algo que nos surpreendeu foi o fato de em nossos dados, em Palmas e Porto Nacional, a variante que mais apareceu não foi a escolarizada, e sim uma expressão aparentemente mais regional: *pular macaco*.

Sobre essa variedade, *pular macaco*, Silva (2016) diz que sua maior recorrência é no estado da Bahia. O fato de no nosso *corpus* ter pessoas que moraram na Bahia justifica parte da aparição do termo no *corpus*, entretanto as ocorrências não foram apenas de informantes que moraram na Bahia, mas também nos informantes que moraram sempre no Tocantins.

No tocante à terceira variedade encontrada, *pula-pula*, esta foi encontrada em Porto Nacional, advindo da cidade de Monte do Carmo - TO. No ALITTETO – Atlas Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (SILVA, 2018, p. 178), o referido termo só foi encontrado nas cidades de Palmas e Araguatins. Na obra

de Ribeiro (2012), que pesquisa o “falar baiano”<sup>8</sup>, a forma *pula-pula* foi encontrada na cidade de São Domingos, Goiás.

Ainda sobre o terceiro item, *pula-pula*, Silva (2018, p. 178) acredita que “a citação dessa forma advém do desconhecimento do informante sobre a brincadeira em que se riscam as formas no chão”. A referida autora pontua que citar o termo “pular” no questionamento<sup>9</sup> induz o informante a falar algo que diga respeito a tal verbo. Nós, todavia, não descartamos tal hipótese, tendo em vista que conforme mostra a transcrição abaixo, o informante nos respondeu a tal questão com certa indecisão e, ao ser questionado sobre detalhes da brincadeira, afirmou não saber do que se tratava:

**INQ:** Tá bom. Qual é o nome daquela brincadeira que se faz um desenho no chão e depois pula nos espaços desenhados?

**INF 4:** Pula pula?...

**INQ:** Aquela que desenha no chão, faz os quadrados joga a pedrinha e pula?

**INF 4:** Não sei...

Em suma, para o primeiro questionamento, sobre as bolinhas que os meninos costumavam brincar, obtivemos as seguintes respostas: *bolinha de gude / gude / peteca / pedrinhas*. *Bolinha de gude*, por exemplo, foi verificada tanto na faixa etária acima de 50 anos (informante 01) como na faixa abaixo dessa idade (informante 03). O primeiro entrevistado, além da forma *bolinha de gude*, elencou a possibilidade de nomear a brincadeira como *gude*, enquanto com o segundo informante obtivemos também a resposta *peteca*.

Já para a segunda questão, que se refere a brincadeira que se riscam quadros no chão, foram documentadas as formas *amarelinha* e *pula/pular macaco*. *Amarelinha* foi a resposta documentada na fala do informante de número 03., enquanto *pula/pular macaco* foi encontrado nos entrevistados 01 e 02.

### Considerações finais

Diante das análises realizadas, a partir dos dados coletados, este trabalho teve como objetivo remontar algumas variedades do campo semântico das brincadeiras populares no estado do Tocantins. Dessa forma, consideramos que, além de

<sup>8</sup>Nascentes (1958).

<sup>9</sup>A questão é formulada da seguinte forma ao informante: *Qual é o nome daquela brincadeira que se faz um desenho no chão e depois pula nos espaços desenhados?*.

encontrarmos, na pesquisa realizada lexias que remetem à variedades mais vinculadas ao português padrão, como é o caso de *amarelinha*, encontramos também, indícios de uma associação cultural do Tocantins com variedades da região Nordeste, como é o caso das variedades *pular macaco* e *peteca*.

Pontuamos, por último, o que vem sendo defendido por Silva (2018; 2019), quando afirma, com base no material coletado, que há uma maior identificação cultural por parte dos tocantinenses com a região Norte e, principalmente com a Nordeste, do que especificamente com a sua preceptora, Centro-Oeste. O que se confirma, também, em nossa pesquisa, se analisarmos as origens dos falares encontrados no Tocantins.

### Referências

- ALENCASTRE, J. M. P. de. *Anais da província de Goiás - 1831-1871*. Goiânia: Governo do Estado, SUDECO, 1979.
- AQUINO, N. A. *A Construção da Belém-Brasília e a Modernidade no Tocantins*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, 1996.
- AMORA, A. S. *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 1998.
- AULETE, C. *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.
- CARDOSO, S. A. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, S.A. *Atlas Linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1*. Londrina: Eduel, 2014.
- CAVALCANTE, M. do E. S. R. *O discurso autonomista do Tocantins*. Goiânia: UCG, 2003.
- FERREIRA C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto: 1984.
- GOMES, H.; TEIXEIRA NETO, A. *Geografia: Goiás/Tocantins*. Goiânia, UFG, 1993.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC: Casa de Rui Barbosa, 1958. v. I.

NAVARRO, E. A. *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. Petrópolis: Vozes, 1998.

PALACIN, L.; MORAES, M. A. *História de Goiás. (1722-1972)* 5. ed. Goiânia: Ed. da UCG, 1989.

RIBEIRO, S. C. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano*. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SILVA, G. A.; AGUILERA, V. A. A Proposta de rede de pontos para o Atlas linguístico topodinâmico e topoestático do estado do Tocantins (ALiTTETO): implicações metodológicas. Belo Horizonte: Revista estudos da Linguagem, V. 25, n.1, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10947>. Acesso em: 04 dez. 2019.

SILVA, G. A. Atlas linguístico topodinâmico e topoestático do estado do Tocantins (ALiTTETO). 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

SILVA, G. A. *Identidade linguística: a migração e os contatos intervaretais na formação dos falares do/no Tocantins-TO*. In: RAZKY, Abdelhak; GUSMÃO, Elisângela. (Org.). Pesquisas em Crenças e Atitudes Linguísticas. 1ed. Araraquara: Letraria, 2019, v. 1, p. 103-130.

SILVA, R. A. Marcas diatópicas das variantes de cabra-cega e amarelinha: o que dizem os dicionários eletrônicos Houaiss e Aurélio e o ALiB? *Percursos Linguísticos*. Vitória, v. 6, n. 13, p. 90-105, 2016.

SILVA, R. A.; DOS ANJOS, M. A. L. Variantes de cambalhota e de bolinha de gude de capitais do nordeste nos dicionários eletrônicos Houaiss e Aurélio: uma análise metalexigráfica a partir dos dados do ALiB. *Fórum lingüístico.*, Florianópolis, v.15, n.1, p. 2860 - 2874, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2018v15n1p2860/36250>. Acesso em: 4 dez. 2019.

THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejempls del Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: *INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY* (21.: Palermo). Atti Del XXI Congresso Internazionali di Linguistica e Filologia Romanza. (Orgs) Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. V.5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais das seções 5, p. 787-789.

VIEIRA, M. A. O movimento separatista do norte goiano (1821-1823): desconstruindo o discurso fundador da formação territorial do estado do Tocantins. *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais* – UEG/UnU Iporá, v.3, n. 1, p. 63-84, 2014.